

# O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE  
na  
**Rua do Hospicio 85**

Preço da assignatura por mez

Para a Corte .....	18000
Para as Províncias...	18500

AS ASSIGNATURAS  
começam  
**no 1.º de cada mez**

## A DESFORRA DE UM DEFUNTO

V

O negocio, entretanto, não devia terminar alli, e restava despedir o homem cujos planos a intervenção de Gontran acabava de contrariar.

Chegou esse homem justamente no momento em que a moça tomava o braço do provinciano.

— Perdão, disse elle em tom ironico, mas tinha a curiosidade de saber com que direito...

— Eu intervenho, não é assim? interrompeu Gontran. E' muito simples: uso do direito que esta senhora me deu.

— Eis ahi uma intervenção que se assemelha muito a uma impertinencia.

Jámais tinham dito tanto a Gontran... e elle arremeçava-se já para o seu adversario, quando a moça o conteve, apertando-lhe o braço.

— Senhor, senhor! supplicou ella vivamente commovida.

Gontran conteve-se. Depois, tirando do bolso a carteira, em uma de cujas folhas escreveu ás pressas o seu nome e a sua morada:

— A senhora tem razão, disse rompendo a folha e apresentando-a ao seu interlocutor; não é decente esmurrarmo-nos aqui no meio da rua como dous garotos; aqui tem o meu nome e a minha morada; se quizer pedir-me qualquer explicação, creia que muito gosto terei em recebel-o...

E, tomado novamente o braço da moça, afastou-se, deixando o seu adversario atônito e vacillante sobre o que devia fazer...

— O senhor é muito impetuoso! disse a moça a Gontran, depois que deram alguns passos. Ei-lo presentemente a braços com uma ruim contendia por minha causa, quando não me conhece...

— Ruim contendia, não sei que o seja, respondeu Gontran; aquillo, porém, de que tenho certeza é que aceitaria dez como esta só por ter tido o prazer de encontral-a.

— Oh! as suas palavras são muito amaveis!... Será o senhor algum comic?

— Eu! exclamou Gontran; porque me faz semelhante pergunta?

— E' que essa phrase parece estudada... A gente acredita que já a ouviu repetida em qualquer parte. Gontran sorriu-se.

— No fim de contas, disse elle, não importa, desde que ella exprima perfeitamente a satisfação que experimento em achar-me a seu lado.

A moça fez um movimento com os hombros.

— Quanto a isso, disse, não quero contrarial-o; me parece, porém, difficil que se sinta satisfação em estar junto de uma pessoa que nunca se viu, e que pôde ser feia ou velha.

Gontran apertou suavemente o braço da compadreheira.

— Porventura, exclamou, pôde alguém ser feia com uns olhos como os que me fitaram ha pouco, com umas mimosas mãos como as que estou apertando nas minhas, com uns dentes que brilham e offuscam apezar da escuridão? Pôde alguém, porventura, ser velha com essa voz seductora que me está fallando e com essa vivacidade infantil que me endoidece? A senhora tem dezes seis annos de idade ou então mente...

— Diga dezesete... e fallemos de outro assumpto.

— E de que assumpto quer que fallemos?

— Então o senhor cuida que eu vou passeiar assim, durante horas inteiras?

— Creia que eu não poderia imaginar cousa alguma que pudesse ser-me mais agradavel.

— Pois commigo é differente! Tenho que dar uma caminhada, uma caminhada indispensavel, e não quero me demorar mais.

— Consente ao menos que eu a acompanhe?

— Seja.

— Aonde vamos então?

— A' rua Soly; já me tenho demorado muito, e, se quer, apressemos o passo para ressarcir o tempo perdido.

Gontran inclinou-se em signal de acquiescência, e puzeram-se immediatamente a caminho, fallando ácerca de mil cousas, conversando e rindo, sem se importarem com os olhares que lhes deitavam os transeuntes.

Gontran não cabia em si de contentamento. Jámais se sentira tão feliz, e a felicidade que elle experimentava comunicava-lhe ao spirito uma agudeza, um encanto que o tornavam realmente seductor.

A moça não procurava esquivar-se; escutava, admirada, enlevada, descobrindo a cada instante mil qualidades novas naquelle coração que não buscava velar-se, pois que, na realidade, nada tinha que occultar.

De repente, porém, ella estacou e não pôde conter um gritozinho de dolorosa surpresa.

— Que é? perguntou com solicitude Gontran.

— Ah! é uma maldade o que o senhor está praticando... disse a moça em tom de recriminação.

— Que fiz eu?

— Não lhe havia eu dito que ia á rua Soly?

— Sem dúvida.

— Pois não fiz reparo no caminho por onde o senhor me levava.

— Não percebo.

— O senhor não sabe então onde nos achamos?

— E onde é que nos achamos nós?

— Na praça da Concordia... Não vê?

— E dahi?

— Sim, finja-se de homem serio; agora, nem em um quarto de hora chego lá... Ah! não foi leal procedendo assim...

E como, ao pronunciar estas palavras com ar enfadado, houvesse abandonado o braço de Gontran e feito menção de afastar-se, este correu para ella e pegou-lhe nas mãos.

— Peço-lhe, disse elle em tom supplice, que não se retire assim, ou que ao menos me permitta justificar-me.

— Não tem nenhuma desculpa, tornou a moça continuando a caminhar.

— Ao contrario, tenho até duas.

— Uma só seria bastante, desde que fosse aceitável.

— Consente então em escutar-me?

— Que remedio!... mas avie-se.

— Pois bem... saiba que é esta a primeira vez que saio em Paris; que um cego se haveria melhor do que eu no dedalo de ruas que acabamos de atravessar, que eu estava perdido, sem saber para onde ir, na occasião em que nos encontrámos...

— E' verdade o que está dizendo? perguntou a moça em tom mais brando.

— Accrescente a isso, prosseguiu Gontran, que, todo entregue ao prazer de ouvil-a e de vê-la, não pensava no caminho que seguia, e que só um receio tinha durante o trajecto.

— Que receio?

— O de chegar demasiado cedo ao fim da nossa caminhada.

A moça não respondeu.

Não depositava talvez inteira confiança nas palavras de seu interlocutor; estava, porém, disposta para a indulgência, e não se mostrou por mais tempo rigorosa.

Tomou, pois, novamente o braço de Gontran e puzeram-se outra vez a caminho, apressando o passo.

A conversação tornou-se então um pouco mais íntima, e, para bem dizer, mais prática, de modo que, ao chegarem á esquina da rua Soly, Gontran sabia que a sua formosa companheira se chamava Francina e que morava na rua de la Harpe...

— E agora, disse a moça parando á porta de uma casa de modesta apparencia, eis-me chegada ao meu destino; peço-lhe desculpa de havel-o desviado de seu caminho, e agradeço-lhe ter-me protegido e defendido,

— Mas eu não tornarei a vel-a? perguntou Gontran.

— Pensaremos nisso, respondeu a moça com ar travesso; no entanto, seja prudente, compre uma planta da cidade, e não torne a sahir de noite sem tel-a estudado a fundo.

E, rindo-se, desapareceu ligeira.

Gontran acompanhou-a durante alguns momentos com o olhar, e, quando a viu sumir-se, pôz-se a percorrer a rua a passos lentos.

Entretanto não se conservou muito tempo naquella situação de espirito.

Tinha dado apenas algumas passadas, quando se sentiu violentamente abalroado no ombro por um transeunte.

— Bruto!... exclamou colérico.

— Que temos? que temos?... retorqui o outro em tom de ameaça.

Apenas, porém, os dous adversarios se encararam, sucedeua uma cousa estranha.

Gontran soltou um grito de espanto, ao passo que o outro contrahia as sobrancelhas e reprimia um gesto violento.

— Polichinello!... balbuciou Gontran no auge do espanto.

Mas o seu singular adversario tinha operado já uma retirada prudente, e por sua vez acabava de entrar na mesma casa onde Francina havia desaparecido.

## VI

Gontran percipitou-se após elle.

Em dous saltos estava no corredor; em quatro pernadas alcançava a escada.

E escutou.

Um passo pesado começava, por cima de sua cabeça, a ascensão do andar superior.

Era Polichinello; não havia duvidar... Gontran não se demorou em reflectir; agarrou-se ao corrimão, e em poucos segundos alcançou o patamar do primeiro sobrado.

Mas o homem que elle queria apanhar sentia-se verosimilmente seguido, e duplicava de presteza, de modo que, chegado ao quinto andar, Gontran não ouviu mais nada, e achou-se de repente mergulhado na mais completa escuridão.

Gontran ficou durante alguns momentos indeciso e perturbado, e ia sem dúvida retirar-se, um tanto confuso com aquelle resultado negativo, quando um raio luminoso, coando através das juntas de uma porta, lhe attraiu a attenção.

Avançou nas pontinhas dos pés, conteve a respiração e olhou.

A principio não viu quasi nada...

Pouco a pouco, porém, o seu olhar distinguiu os objectos com mais clareza, e ardente curiosidade pregou-o logo em seguida ao logar em que estava.

Era uma agua-furtada!

Uma agua-furtada mobilhada com inaudito luxo, e onde se achava reunido tudo quanto a mais ruinosa phantasia tinha podido inventar!

Espresso tapete cobria o chão; estofos do mais rico tecido escondiam as paredes; em cima da chaminé, um espelho de Veneza e varios bronzes artisticos; ao longo das paredes, diversos quadros de mestres, escolhidos com intelligencia e gosto.

Não foi entretanto o aspecto de todo esse luxo que impressionou Gontran; e o corpo todo lhe estremeceu quando elle avistou, no fundo do aposento, um leito coberto com um lençol branco, sobre o qual haviam deposito uma coroa de perpetuas!

O coração pôz-se a bater-lhe com força.

O que não sentiu elle, porém, quando naquella mesma agua-furtada, e ao lado do leito, viu de repente o vulto de Francina?

A moça andava de um para outro lado, grave e meiga, melancolica e triste, pondo tudo em ordem, com piedoso cuidado, e de vez em quando parava para enxugar uma lagrima que lhe balançava na ponta dos cílios.

Entretanto, chegou o momento em que ella se dispôz a partir, e Gontran, não querendo ser surpreendido em flagrante delicto de indiscrição, abandonou imediatamente o seu posto de observação e desceu á toda a pressa para a rua.

Unicamente, uma vez alli, esperou.

A occasião era demasiado boa para que elle a deixasse escapar.

A moça ia descer por sua vez, e nenhuma razão tinha para recusar, na ida, o braço que aceitara na vinda.

Entretanto, dez minutos se passaram sem que ninguem aparecesse; começava elle já a achar excessiva a demora, quando afinal ouviu-lhe o passo ligeiro e expedito.

A moça apareceu na rua, e, no momento em que levantava os olhos para o céo, afim de certificar-se do estado do tempo, avistou Gontran.

— Oh! o senhor ainda está ahi! exclamou em tom que queria dizer que não a contrariava precisamente tornar a encontral-o.

— Estava á sua espera, respondeu Gontran solícito.

— Tem medo talvez de perder-se e quer que eu o guie...

— Que me guie qu que me acompanhe, é o mesmo para mim, contanto que eu não a deixe.

Francina fez uma cortezia ironica.

— Infelizmente, disse ella, não me é possível conceder-lhe o que pede.

— Porque? perguntou Gontran contrariado.

— Porque vou dar uma longa caminhada, e, apesar da grande satisfação que me proporcionaria a sua companhia, sou obrigada a privar-me della.

— Vai vêr o seu namorado?

— Vou levar uma carta.

— A quem?

Francina pôz-se a rir.

— Oh! que sem cerimonia! disse ella em tom jovial. Mas, emfim, eu sou boa rapariga, e não quero

que o senhor ponha em duvida a minha franqueza. Disse-lhe que ia levar uma carta, e eis-a aqui: é dirigida á Sra. Julieta d'Orvado.

— D'Orvado! exclamou Gontran.

— Conhece-a?

— Não, não conheço!...

— Ainda bem... E agora nade receie por mim... tenho alguém que deve acompanhar-me...

Assim fallando, Francina apontou com o dedo para um moço que, postado a alguns passos de distancia, fitava em Gontran olhares curiosos e desconfiados.

— Quem é esse moço? perguntou Gontran.

— Chamam-no *Sacco-de-Gesso*.

— E' seu namorado?

— E' meu amigo.

— Hum!... devo acreditar-a?

— Se quiser.

Francina fez um signal a Sacco-de-Gesso, que aproximou-se e ofereceu-lhe o braço.

Sacco-de-Gesso tinha dezesete annos apenas. Trava blusa, calça de linho, e um bonet cuja pala cahia-lhe sobre os olhos.

Gontran não pôde evitar um movimento ao vêr aquelle semblante magro e pallido, em que o viver das ultimas camadas parizienses estampára o seu cunho delectorio, e a si proprio perguntou que relações poderiam existir entre tão linda moça e simulhante individuo.

Francina, porém, já tinha tonado o braço de Sacco-de-Gesso, e, dirigindo um ultimo comprimento a Gontran, desceu a rua Soly e sumiu-se logo aos seus olhares.

## VII

No dia seguinte, Gontran levantou-se cedo.

As aventuras da noite antecedente apoderaram-se-lhe do espirito e não o deixaram quasi dormir.

Logo, porém, que amanheceu, foi-lhe forçoso levantar-se: tinha que cuidar dos negocios uteis.

Devia fazer duas visitas, entregar duas cartas de apresentação.

Uma ao Sr. conde des Aiglades, na rua da Paz; outra ao Sr. barão de Lorsay, nos Campos-Elysios.

Logo que acabou de vestir-se, tomou um carro e mandou tocar para a rua da Paz, á casa do conde des Aiglades.

O conde achava-se ausente; mas, como lhe disseram que o encontraria em casa de Grisier, o celebre professor de esgrima, apressou-se elle em metter-se no carro e dirigiu-se para o bairro Montmartre, á casa que lhe haviam indicado.

Estava impaciente por vêr o conde.

Secreto instinto o advertia de que o passo que dava era importante e devia ter consideravel influencia no seu destino.

Chegando á casa de Grisier, perguntou pelo conde des Aiglades.

Mostraram-lh'o entre uma duzia de pessoas que se achavam na sala; caminhou immediatamente para elle, e, trocadas as costumeiras formulas de polidez, entregou-lhe a carta que lhe era destinada.

E, enquanto o conde lia, pôz-se elle a olhar para os combates travados pelos esgrimistas.

Apezar da gravidade de suas preoccupações, o aspecto da sala e o tinir dos floretes não deixaram de interessal-o grandemente.

No momento em que elle se aproximava para o grupo dos espectadores, dous moços, com as armas abaixadas e o semblante descoberto, tomavam folego, trocando algumas palavras com os circumstantes.

O que parecia mais apaixonado por aquelle exercicio era um homem de seus vinte e cinco annos de idade, calmo e frio, e que, apezar do ardor do combate, conservou a tez pallida e um sorriso amavel nos labios. Chamava-se Humberto.

O seu adversario, Honorato Finard, tinha mais aptidão para as operaçōes da Praça do que para os exercícios daquelle genero; a esse respeito, porém, não estava de acordo com ninguem, e tinha a dupla pretenção de brilhar pela manhã em casa de Grisier, e de ás duas horas influir sobre o curso dos fundos publicos na Praça.

Assim, ostentava elle na sala uma fatuidade bem proxima da impertinencia.

Ao passo que Gontran apanhava com o olhar os ligeiros traços que acabamos de esboçar, o conde des Aiglades guardava a carta que acabara de ler e aproxima-se do grupo.

— Senhor, disse estendendo a mão a Gontran, os termos com que m'o apresentam inspiram-me o ardente desejo de tornar-me seu amigo... Disponha, portanto, de mim como entender, e, se consente, vou apresental-o a alguns dos membros do nosso cenaculo.

E, voltando-se para Humberto, para Finard e alguns outros :

— Meus senhores, accrescentou, tenho a honra de lhes apresentar o Sr. Gontran, que, segundo acabo de saber, é uma das boas laminas desta epocha.

Humberto e os outros se inclinaram, ao passo que Finard puzera-se a examinar Gontran e se esquecia de comprimental-o.

As ultimas palavras do conde pareciam ter-lhe despertado particularmente a attenção.

— Então o senhor, disse elle afinal, é uma boa amina de província?

Pareceu a Gontran que havia uma ironia naquellas palavras, e ligeiro rubor lhe subiu ao rosto.

— Com effeito, senhor, assim é, respondeu elle com voz calma; asseguro-lhe, porém, que na província não se atira mal.

— Devéras?

— Parece-me que o senhor duvidal...

— Acredito inteiramente na sua palavra.

— Oh! não basta isso, e, se quizer a prova, estou prompto a dar-lh'a.

Uma risada de pouco caso acolheu a proposta, e as testemuuhas daquelle scena se aproximaram mais dos dous interlocutores.

— Palavra! disse Honorato Finard, tomando uns ares de mosqueteiro, seria curioso que o nosso conhecimento se fizesse de florete em punho; o facto é tão raro que estou com vontade de convidal-o para cruzarmos o ferro. Aceita?

Gontran hesitou um segundo antes de responder.

Não era que receiasse aceitar o desafio, ao contrario; desde momentos antes, porém, apoderara-se delle nma idéa.

Quanto mais examinava o seu adversario, mais acreditava recordar-se de havel-o encontrado já em qualquer parte.

Onde? em que circunstancia?... Procurava lembrar-se....

De repente, bateu na testa.

— Estou ás suas ordens, senhor, apressou-se em responder então. E accrescentarei que, se me não engano, não é esta a primeira vez que tenho a honra de encontra-lo.

— Ah! sim! disse Finard admirado.

— Já nos vimos uma vez...

— Onde?

— Na rua... hontem á noite... ao escurecer...

— Queira esperar...

— Lembra-se?

— Sim... Gontran... e o mesmo nome do bilhete...

Ah! perdão, a aventura é estranha e quero...

— Vamos! em guarda, meus senhores, em guarda! interrompeu o conde, que, lá consigo talvez, e por motivos que revelaremos mais adiante, não desgostava de experimentar a força do moço que lhe recomendavam.

O colloquio que se estabelecera entre os dous adversarios ficou naquelle ponto; Gontran recebeu das mãos de seus novos amigos nm florete e uma mascara, e, dando alguns passos para Finard, cahiu em guarda.

Não passava aquillo, evidentemente, de um brinquedo, uma distração de novo genero, inventada por alguns moços ociosos e por alguns velhos gastos já.

Logo, porém, que Gontran se pôz em guarda, e que seu ferro se cruzou com o do adversario, todos se tornaram attentos, e o conde não deixou mais de olhar para elle.

Finard foi talvez o unico que não comprehendeu logo com que temivel adversario ia esgrimir.

Foi bonito aquillo!

Gontran era alto e flexivel; os menores movimentos, as linhas harmoniosas de seu corpo admiravelmente bem feito revelavam uma elegância de raça incontestavel, e o ardor que elle desenvolvia naquelle exercicio de fidalgo parecia augmentar ainda mais a sua belleza tão cheia de expansão sympathica.

E depois, com a caça, eram as armas, até então, a unica paixão que elle conhecera!

O aspecto de uma espada desembainhada fazia fiscar-lhe o olhar, os primeiros ruidos do ferro contra o ferro bastavam para comunicar-lhe a febre do combate.

Em menos de cinco minutos, Honorato Finard, tocado cinco vezes, teve que confessar-se vencido.

Aquella brillante estréa foi como bem se imagina, acolhida por felicitações unanimes.

O conde parecia orgulhoso do seu protegido.

— Como estão vendo, disse elle aos seus amigos, o Sr. Gontran é digno de ser dos nossos.

(Continua no proximo numero.)